

O  
CARAPUCEIRO

19 DE SETEMBRO  
DE 1838



# O CARAPUCEIRO

PERIÓDICO SEMPRE MORAL, E SOBRE ACCIDENTES POLITICO

*Hinc sero modum nostri vivere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.*  
Martial. Liv. 10. Epist. 53.

Guardar nesta Fôrma as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

## Sonho.

Por mais que os Senhores Phisiologistas e Medicos hajão empenhado os esforços dizellos, e exgotado a abundante veia dos systemas, ainda não poderão deparar com a verdadeira causa, a causa efficiente dos Sonhos. Todos os sábios nos dizem, que os sonhos são produzidos por hum trabalho irregular do cerebro, e não regulado pela vontade: os sentidos, que parece obrar ne les, realmente não fazem, e a razão de muitos extravagantes he por que como o somno faz soar toda a espontaneidade; as diversas ideias, que temos, associão-se ao accaso, e d' aqui as extraordinarias inquerencias dos sonhos: mas qual a razão desse trabalho irregular do cerebro, quando dormimos? Qual a razão de haverem sonhos tão regulares, com tanta ligação, e dedução como acontece em inumeraveis phenomenos do Somnambulismo? Cada hum procura explicar a causa o melhor, que pôde; mas por humo ficamos na mesma ignorancia. A respeito dos

nossos conhecimentos da Natureza. He principio incontraverso, que todo o effeito deve necessariamente ser produzido por huma causa: mas quem ha hi de buscar a causa, que possa mostrar com evidencia, que qual quer phenomeno he produzido antes por esta, do que por aquella causa, ou que he esta a unica, e não mais? Eis aqui o que nós somos: ignoramos a mór parte das causas; e apesar desta miseria a nossa soberba, a nossa vaidade não tem limites.

Os Sonhos forão tidos em outros tempos por phenomenos sobrenaturaes; e por isso os Gregos, grandes inventores de patranhas, os attribuião aos deozes *Morpheo*, *Phobetor*, e *Phantasos*: tinham os então, e muito depois da vinda de Christo por avisos celestes, por pregoes do futuro, e sobre a sua interpretação se fundou a famosa arte da *Onirocritica*. Seja porém qual for a opinião á cerca da causa efficiente deste phenomeno, o certo he, que sonhos há, que parecem realidades, e tão verosimilmeis, que não sabe a gente, como os ha de explicar, attribuindo-os ao cego

Da natureza deste he hum, que tive a poucas noites, e sonho tal, que ainda agora me traz atouto.

Com quem pois havia d'eu sonhar? Nem mais, nem menos que com o meu Anjo da Guarda. Elle se me antolhou tao luminoso, e radiante, que mal pude demorar sobre tanta belleza os meus olhos mortaes. Travou-me do braço, e disse-me, Vem comigo, e pasmarás-te quero mostrar, E dicto e feito, apresentou-me em huma espaçosa sala, onde havia huma meza de extraordinario tamanho, e sob'ella hum montão de papeis, que chegavão ao tecto da casa. Onde estou? (dizia comigo) Que vejo? Que significa este mysterio? Que vim aqui fazer? Então o Anjo mandando-me sentar, e sentando-me tambem ao pé de mim, fallou-me nestas substanciaes, Por virtude sobrenatural aqui ajuntei todos os Officios, Representações, e Informações, que girão na roda politica do Brazil, assim como as Cartas, que se enviam reciprocamente ao pais, os filhos, os esposos, os irmãos, os amigos, e parentes. Quero pois descobrir-te esses segredos, quero dar-te esta grande lição, na qual aprenderás a conhecer o mundo: e como não he possivel, tenhas noção de tantas, e tão diversas pessoas; eu ir-me-ei explicando quaes sejam ellas, e quaes as suas relações, e circumstancias.

Logo o bom Anjo poz a mão em hum grande Officio, e este por si mesmo se abriu immediatamente. Era huma informação do Prezidente de certa Provincia para o Governo sobre o requerimento de hum pretendente a hum Emprego. Li todo o papel; e fiquei estupefacto. Que Catilinaria! Que terrivel informação! Como he isto? (exclamei) Este Presidente consta-me ser intimo amigo do pretendente, e que lhe promettera toda a coadjuvação para o bom éxito do seu negocio: e procede desta maneira? Vai vendo (respon-

de-me o Anjo) e aprendendo o que são os homens. Outra informação vi ao contrario toda em grande louvor, e a-bono do supplicante, o qual disse-me o Anjo, que era hum grandissimo velhaco, e delapidador da fazenda publica: mas como tem grande mão em certas caballas, he estimado, e protegido.

O meu Guia celeste foi-me dar a ver outros muitos papeis Officiaes, e entre estes fez-me notar huma Representação de hum Chefe de certa Provincia contra hum seu subalterno. Não se podia dizer mais mal de hum Empregado Publico: e como me admittasse de tanta acrimonia, disse-me o Anjo: e o que farás quando souberes, que esse Chefe confessa-se ser um amigo do Empregado, e que sobrou as demonstrações da sua amizade, depois que me arranjou tão extraordinaria cama? Aprende, meu escriptor do Carapuceiro, aprende a conhecer os homens. Fartei-me de ler expressões hyperbolicas de ternura, protestos de imparturbavel amizade, e grandes offercimentos de serviços, &c.: mas o bemfazejo Espirito disse-me com grande pausa, e auctoridade. Vês toda essa farragem, toda essa nomeclatura affectuosa? Não creias em nada. São lugares communs; são expressões costumarias, ou, como vulgarmente se diz, palavras tabeliões. Fui proseguindo na minha leitura, e deparci com huma carta, que dizia assim: Amigo, e Sr. de ter-lhe entregue huma carta minha datada de tantos, não creias no seu conteúdo, nem faças cousa alguma do que nella te recomendo: algum dia te darei as razões — Fiquei pasmado; e pareceo-me aquillo hum enigma; mas o meu sabio Conductor explicou-mo dizendo. Saberás que essa carta he huma contra ordem de outra, que esse sujeito deu em mão propria a hum seu filho, recomendando-o muito ao seu amigo para o bom éxito de certa empreza: e he vulgarmente chamada d'...

de maior affecto, e do maior inte-  
 resse favor do seu protegido: agora nos  
 a tudo desfaz, e quer, que o dicto fi-  
 que por não dicto. Que te parece este  
 proceder? Pois assim vai o mundo; e  
 esta tactica he a mimosa das Côrtes.,,

fiz repáro em hum, montão de pa-  
 péis, que estavam separados com hum  
 rolo sobreposto, que dizia -- *Docu-  
 mentos infernaes.* -- O meu bom Guar-  
 dião notou o meu enleio, e disse-me.,  
 Estas são ahi do titulo? Sabe pois,  
 que para ahi ajuntei as cartas, que se  
 escrevem os amigos, os compadres,  
 na occasião d'eleições populares. Lê  
 estes papeis. e nelles encontrarás huma  
 grande instrucção., Con effeito que  
 intrigas, que calumnias, que perfidi-  
 as que li! Que protestacão d'amisade,  
 e ao mesmo tempo que lograções! Que  
 tactica de hums, que contra-minas de  
 outros! Finalmente enjoou-me tanta  
 confusão, tanta baixeza, tanta indig-  
 nidade; e o Anjo profetio sentencio --  
 Creio que te digo: em tempo de elei-  
 ções não há amigos; e a regra geral he  
*tudo para mim, e nada para vós.*

D'ahi passei a examinar varias cartas  
 particulares; e vi, que este marido,  
 que n'auzencia de sua esposa lhe escre-  
 via com as maiores demonstrações de ter-  
 nura, e de saudade, estava todo en-  
 tregue á paixão, que concebera por ou-  
 tra, com que desbaratava grande parte  
 da sua fortuna. Vi irmãos atraçoando  
 a seus irmãos, vi amigos na presença,  
 e rancorosos inimigos n'auzencia, vi  
 este desacreditando aquelle para o ap-  
 pear, e substituiu no emprego, vi em  
 summa hum quadro resumido da per-  
 versidade humana, e sobr'isto fazia se-  
 rias reflexões; quando ouço o ribombo  
 d'artilharia: desaparece-me o Anjo  
 acordo: era a manhã do Grande Dia  
 de Setembro: e mal disposto exclamei  
 -- Viva a Independencia do Brazil, Vi-  
 va o Primeiro Dia da Nação!!!

## VARIÉDADE.

*Testemunho espantoso do Barão F.*

*J. De Lainothe Langon na sua o-  
 bra intitulada Les Après-Diners*

*Cambacérés, segundo Consi-  
 cipe Archi chanceller do Imperio,  
 &c., &c.*

Em 1807 travei intima amisade com  
 hum Litterato bem conhecido em Fran-  
 ça, e no estrangeiro, quero dizer, com  
 Luiz Sebastião Mercier. Este homem extra-  
 vagante, em tudo singular, aborrecedor  
 de Racine, d'Homero, de Boileau,  
 e de Newton. Hum dia achando-me  
 com elle, e presentes Cailhava, enthu-  
 siasta de Molière, e Pelletier Volmeran-  
 ge, compositor de Melodramas, o mes-  
 mo Mercier, que fôra membro da Con-  
 venção nos disse no Theatro, onde nos  
 achavamos. -- Senhores, eu sou o últi-  
 mo, que vos posso dar novas de Luiz  
 16. -- Vós, Mercier, dissemos nós,  
 fostes tão feliz, q' tivestes licença para  
 ver na sua prisão do Templo? -- Eu tive  
 a dor de o ver de face, assim como  
 vos vejo agora, e isto succedeo depois  
 da sua morte. -- Depois da sua morte?  
 -- Sim, Senhores. -- Não pode ser. --  
 Não poderá ser para vós, que duvidaes  
 de tudo, que não vedes: mas não para  
 mim. Senhores eu vi Luiz 16 depois de  
 morto voltar ao mundo. -- Onde, e em  
 que epocha? Na noite de 24 de Janeiro  
 de 1794, ia eu pela rua a visitar hum  
 amigo enfermo. Ao atravessar o *boule-  
 vard* vi immensa multidão de povo em  
 redor de hum grande vulto, que me  
 despertou a curiosidade. Era huma se-  
 ge cercada de petrexos bellicos, e de  
 boccas de fogo, e d'artilheiros com os  
 muros accesos. Nesta sege estava  
 hum homem, e era Luiz 16. Logo  
 que me aproximei, parou todo o cor-  
 tejo; o Rei assenou-me com a mão pa-  
 ra que me chegasse: assim o fiz corajo-  
 samente, e elle assim me fallou.

„ Tu não votaste pela minha morte:  
 eu t'o agradeço; e deves dar parabens á

ua consciencia. Os que me immolá-  
 rão, assassinarão o justo, a França  
 pagará mui caro esse sangue, que eu  
 não mentara, se o tivesse derramado.  
 sua gloria, e felicidade. A mór  
 dos meus algozes morretá no su-  
 plicio, que me condemnarão, ou no  
 desterro: todos sentirão os pungentes  
 aculeos de horriveis remorsos: a Fran-  
 ça não tardará, que caia de tyrannia  
 em república, depois do que a minha fa-  
 milia virá de novo ao Throno, e fe-  
 chera o abyssus das revoluções.

Tento assim fallar Luz só mett-o a  
 cadeia na soge, que proseguio em sua  
 marcha; e eu enrado no maior enle-  
 io, fiquei immovel sem poder dar pas-  
 so nem para diante, nem para atraz.  
 Pouco e pouco or-se de pensando a mul-  
 tidão; e entoadando a mim, prosequi  
 mer-milho. -- Dizer antes, que a-  
 cordastes então -- Nesta minha  
 historia, Senhores, não hou-  
 ve sonho, mas tudo realidade:  
 eu vo-lo juro á fé de homem de  
 bem, e nunca protem jaramen-

A qui tendes, Senhores, o  
 que tambem ouvi da propria  
 bocca de Mercier, isto por mui-  
 tas vezes, mas principalmente  
 na rua do Inferno, onde fora  
 almoçar com o Abbade d'Allez,  
 duas Senhoras, o cavalheiro de  
 Cubieres, o Conde d'Escher-  
 ny, e eu. -- Agora ouvi, Se-  
 nhores, disse o Principe Cam-  
 bacérés, o que eu soube do pro-  
 prio Imperador. Era na época  
 do verão; a calma excessiva.  
 Napoleão, e Jozefina conver-  
 savão depois de meia noite a hu-  
 ma jânella aberta das Tuileries.

Eis que d'improviso huma bar-  
 ra avermelhada circua toda  
 horizonte. Os dons esposos ve-  
 em distinctamente innumeró  
 povo, que enche o terrado do  
 Palacio. Assustão-se ambos;  
 já vão chamar o cecorro; mas  
 silencio extranho de toda essa  
 gente os espanta; e ninguém  
 ousa aproximar-se ao edificio.  
 No meio da noite o concurso  
 ergue-se hum cadafalso coberto  
 com hum tó de crepe. Appa-  
 rece o alge com os seus ajudan-  
 tes, e apoz delles chega o pa-  
 decente com as mãos atadas pa-  
 ra traz das costas; o povo lhe  
 dirige afrontas, e apupadas:  
 sobe o miseravel o anfiteatro  
 com passo firme; quer fuzilla  
 multidão; neste momento des-  
 cobre-se-lhe o rosto: he o de  
 Napoleão... Jozefina horro-  
 risada, grita, desmaia, e de-  
 sapparece toda a visão. Os do-  
 ns esposos ao depois erão con-  
 coctes em referir o que virão,  
 e por se contados separadamente  
 contarão-me tudo exactamente  
 sem a menor discrepancia: el-  
 les não dormião; estavam be-  
 acordados, e vós, Senhores,  
 não accusareis certamente a Na-  
 poleão de faltô de coragem,  
 supersticioso.